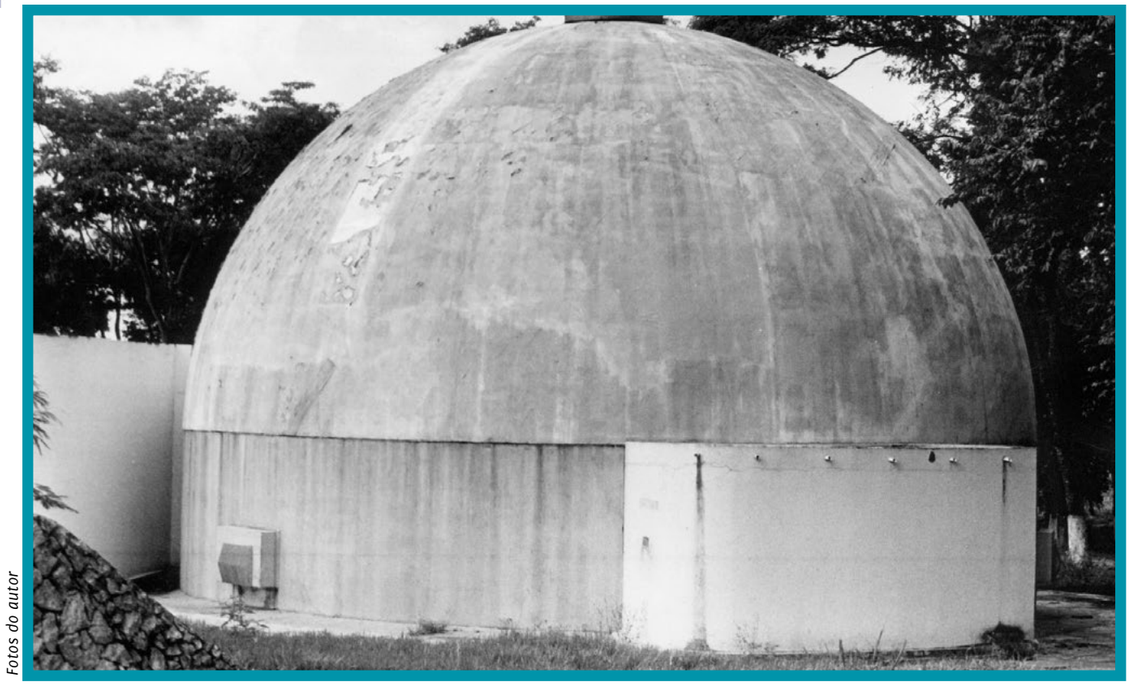


Fotos do autor

A curiosa história do Planetário da UFG

Resultado da troca de café do Brasil por equipamentos da Alemanha Oriental, ele foi instalado em um parque de diversão, pois pensava-se que era um brinquedo

PAULO HENRIQUE AZEVEDO SOBREIRA
Professor da Universidade Federal de Goiás

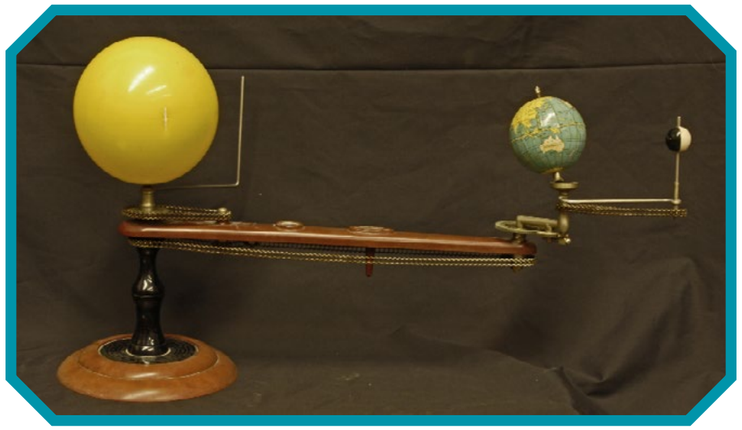
No ano passado, o Planetário da Universidade Federal de Goiás (UFG) atingiu a marca de 40 mil visitantes, um número bastante interessante, principalmente se levarmos em conta a curiosa história que deu origem ao seu nascimento – ou, em outras palavras, a curiosa história de algo que não deveria ter sido o que foi, nem tão pouco instalado onde está.

Tudo começa no final da década de 1960, quando o prof. José Ubiratan de Moura, que lecionava Cosmografia no curso de Geografia da UFG, solicitou a aquisição de um equipamento chamado telúrio – um tipo de planetário, um modelo didático simples para colocar em cima de uma mesa, no qual se pode simular o movimento da Terra em torno do Sol em um referencial heliocêntrico.

O pedido foi então encaminhado à Brasília, na época em que o MEC negociava com a então Alemanha Oriental a troca de equipamentos científicos por café brasileiro.

Todavia, os técnicos do governo federal não entenderam o que significava um telúrio. Para surpresa de todos, um belo dia chega a Goiânia um planetário Zeiss Jena Spacemaster e um telescópio Zeiss, Cassegrain 150 milímetros de diâmetro e distância focal de 2.225 milímetros.

A questão, agora, era onde colocar o planetário, o que gerou novos equívocos. Na época, os representantes da UFG e da Prefeitura de Goiânia imaginaram que o planetário era uma espécie de brinquedo. Ato contínuo, optaram por instalá-lo no Parque Mutirama, um grande parque de diversões, daqueles com carrinho bate-bate e tudo o mais, bem no centro da cidade.



Um telúrio, semelhante ao desta foto, era tudo o que o professor Ubiratan havia solicitado inicialmente ao governo.

Dessa forma, o "novo brinquedo" foi inauguração no dia 23 de outubro de 1970, juntamente com o tobogã, é claro. A área, até hoje, não possui documento de concessão e, de tão deslocado, o planetário permaneceu sem número no endereço até 2008 – era Avenida do Contorno, "sem número".

A correspondência, por vezes, era deixada na Administração do Parque, até que resolvemos "criar" um número. Com base na localização em relação aos imóveis nas proximidades, hoje estamos na Avenida do Contorno, nº 900.

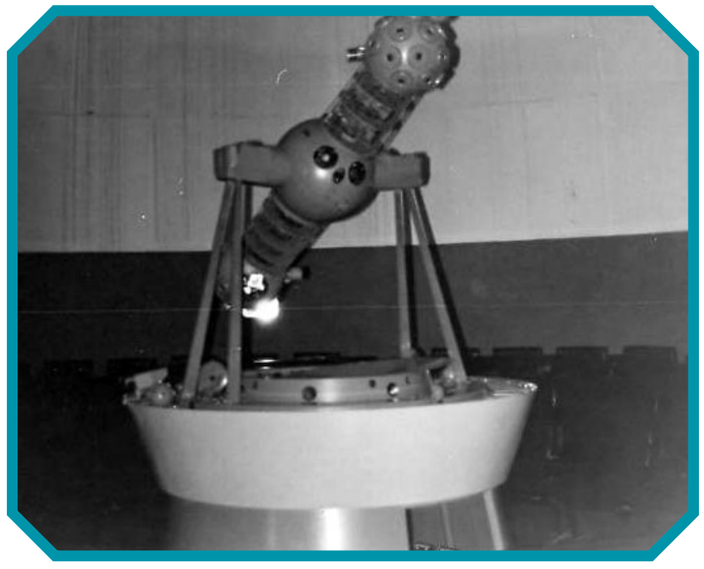


Imagem do projetor Spacemaster em 1972.
Foto: acervo do Planetário da UFG.

Porém, menos de dois anos depois de inaugurado, o planetário da UFG, no Parque Mutirama, não sobreviveu às mazelas da obra pública. A edificação logo apresentou várias deficiências, principalmente nas instalações elétricas: a iluminação era defeituosa e o sistema de ventilação e ar condicionado da sala de projeção, inadequado. A cobertura externa não suportou as chuvas no primeiro ano. Resultado: um curto-circuito no aparelho, em 29 de agosto de 1972, fechou o planetário.

Era época da Ditadura e um grupo de militares interessou-se em levar os equipamentos para o Instituto Tecnológico de Aeronáutica, em São José dos Campos.

A reitoria da UFG se recusou a entregar o planetário para outra cidade, comprometendo-se a recuperar e consertar o projetor. Já o prédio atual, baseado nos projetos dos planetários de Porto Alegre (RS), Santa Maria (RS) e Montevidéu (Uruguai), ficou a cargo do governo do Estado de Goiás (SUPLAN).

Para a reforma do projetor, foi marcada uma reunião com os representantes da Zeiss no Brasil, no Rio de Janeiro, que declararam que o projetor planetário não tinha mais conserto e sugeriram que ele fosse trocado pelo Zeiss ZKP-1, que foi instalado depois no Colégio Estadual do Paraná.

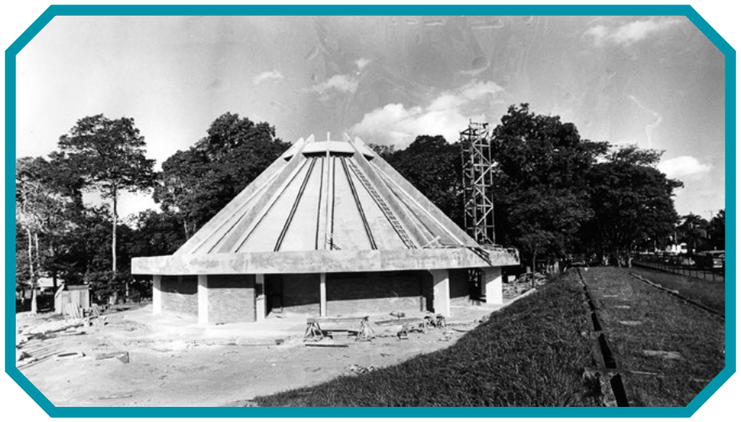
Ao término do encontro, Edgar Buhler, ex-engenheiro da Carl Zeiss Jena, que morava em Porto Alegre e era diretor do Centro Técnico de Manutenção de Aparelhos Científicos (CETEMAC), disse aos professores José Ubiratan e Hermínio Pedroso, então pró-reitor de Administração e Finanças da UFG, que o planetário poderia ser recuperado.

O equipamento foi desmontado por Edgar Buhler, por seu pai Ervino Buhler e pelo prof. Ingo Orlando Hinckel.

O planetário voltou para Goiânia em agosto de 1975 e foi remontado por Edgar Buhler e por Ary Nienow (do Planetário da UFRGS).

No dia 30 de março de 1977 ele foi reinaugurado. Da época da inauguração, apenas a cúpula interna e as poltronas da sala de projeção são originais.

Hoje, com capacidade para 124 pessoas por sessão, mais de 90% de seu público é formado por estudantes. ●



Construção do atual prédio do Planetário da UFG em 1977.
Foto: Hélio Nunes, cedida gentilmente pela Organização Jaime Câmara.

O festival de ciências de Atlanta

APRIL WHITT
Astrônoma do Fernbank Science Center

O planetário móvel foi uma das mais populares iniciativas. Foram necessárias dezenas de apresentações para atender ao público

No verão de 2011 (do Hemisfério Norte), três colegas da Universidade Emory iniciaram conversas sobre um festival de ciências na Geórgia. Na primavera seguinte, eles já tinham o apoio, inclusive com verbas, de várias entidades da região metropolitana de Atlanta. O Festival de Ciências de Atlanta estreou em março de 2014.

As informações no site indicavam que o Festival de Ciências de Atlanta oferecia um leque de atividades ao longo de seus oito dias, em mais de 30 locais ao redor da cidade. Palestras, performances, exposições, demonstrações, oficinas, visitas guiadas e muito mais aproximariam cientistas locais, artistas, professores e empresários dos moradores de Atlanta, estimulando a todos a celebrar a natureza essencial da ciência e da tecnologia em nosso dia-a-dia.

O evento traria a oportunidade de se perguntar a cientistas sobre coisas que vemos e imaginamos em nosso cotidiano, de aprender sobre as mais avançadas pesquisas que acontecem bem perto de nós, e de entender como a ciência está presente em lugares que sequer imaginamos!

Festivais de ciências acontecem em vários lugares dos Estados Unidos, e também ao redor do mundo. Alguns, como na Carolina do Norte, abrangem todo o estado. Outros, como o nosso de Atlanta, são regionais.

Caso você tenha interesse em montar algo semelhante, o site da Aliança de Festivais de Ciência é um bom começo (http://sciencefestivals.org).

Mais de 80 grupos da região metropolitana de Atlanta cooperaram entre si, desde cervejarias locais, passando pelos consulados francês e britânico, até o CDCP (*Centers for Disease Control and Prevention*, Centros de Prevenção e Controle de Doenças).

Eles ofereceram uma série de atividades: concertos que descreviam a física dos instrumentos musicais, uma competição de robôs construídos por estudantes, química em demonstrações de culinária, visitas guiadas a bosques e jardins, e programas de planetário.

O Festival de Ciência de Atlanta teve início com o evento *NanoDays*, no *Fernbank*, no dia 22 de março. “O Maior Evento sobre a Menor Ciência” foi direcionado a